

# PEQUENA HISTÓRIA JÊ MERIDIONAL ATRAVÉS DO MAPEAMENTO DOS SÍTIOS DATADOS

Pedro Ignácio Schmitz<sup>1</sup>  
Raul Viana Novasco<sup>2</sup>

## Resumo

O pequeno texto tem por objetivo apresentar um rápido panorama da ocupação Jê Meridional mostrando a distribuição no tempo e no espaço dos sítios datados até o começo de 2012. As 160 datas de C<sup>14</sup> que formam o arcabouço foram publicadas no capítulo 'A história do povoamento Jê Meridional', no livro de Deisi S.E. de Farias e Pedro Ignácio Schmitz, intitulado 'Linguagem, dispersão e diversidade das populações Macro-Jê no Brasil Meridional durante a pré-história brasileira'. Tubarão, Ed. UNISUL, 2012. Para contextualizar as datas usamos predominantemente as informações divulgadas naquele capítulo.

**Palavras-chave:** Jê Meridional, povoamento, datas de C<sup>14</sup>

## Abstract

The text aims to present an easy panorama of the Jê Meridional's settlement, indicating the temporal and spatial distribution of the sites dated until 2012. The 160 radiocarbon dates used as framework for the text were previously published as 'The history of the Jê Meridional's settlement' in the book authored by Deisi S.E. de Farias and Pedro Ignácio Schmitz, whose title is: 'Linguagem, dispersão e diversidade das populações Macro-Jê no Brasil Meridional durante a pré-história brasileira' (Language, dispersion and diversity of the Macro-Jê in Southern Brazil during the Brazilian prehistory) Tubarão, Ed. UNISUL, 2012. As context for the dates we use predominantly the information of the mentioned chapter.

**Key words:** Jê Meridional, settlement, radiocarbon dates

Sob a denominação 'Jê Meridional' os estudiosos reúnem os indígenas hoje identificados como Kaingang e Xokleng, do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, do Paraná, de São Paulo, que também se estenderam a reduzido espaço na província argentina de Misiones, junto à fronteira com o Brasil.

Os arqueólogos reconstituem a história dessa população estudando e datando seus antigos assentamentos, cemitérios e locais de atividades.

O estudo da língua inscreveu estes índios no grupo Macro-Jê, da grande família Jê, dos cerrados do Brasil Central. Desta, o grupo teria começado a se afastar, encaminhando-se para o Sul, ao redor de 3.000 anos atrás, quando um prolongado período seco teria ocorrido nas nascentes do rio Paraná.

---

<sup>1</sup> Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, São Leopoldo, RS. Bolsista de Produtividade sênior do CNPq. E-mail: anchietano@unisinis.br

<sup>2</sup> Mestre em História pela UNISINOS. E-mail: raulnovasco@gmail.com.

PEQUISAS, ANTROPOLOGIA N° 70:35-41 São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2013.

O deslocamento representava a saída de um ambiente tropical de cerrado em deterioração para um ambiente subtropical, composto por campos altos com poucas árvores, uma encosta dominada por mata atlântica e uma planície litorânea com vegetação pioneira, ambientes em adensamento e expansão.

Nesse tempo o planalto e a planície costeira, ainda estariam sem povoamento estável. Havia antigas populações caçadoras da tradição Umbu nas bordas florestadas de todo o planalto, e antigos pescadores, construtores de sambaquis, junto ao litoral atlântico. Assim, os grupos que se vinham infiltrando nos ambientes desabitados, teriam tempo para criar estruturas materiais e econômicas adequadas à sobrevivência.

Nada sabemos, com certeza, de como teriam sido o sistema de assentamento e as estruturas habitacionais da população adventícia. A sociedade seria composta, provavelmente, por grupos móveis de famílias, organizadas por parentesco e deixaria poucas estruturas de boa visibilidade em sua trajetória inicial. Só a partir de meados do primeiro milênio de nossa era, quase mil e quinhentos anos depois do começo de seu pleiteado deslocamento, se tornam bem visíveis suas estruturas, cada vez mais numerosas e maiores.

Hoje conhecemos um número muito grande de testemunhos de sua presença abaixo do trópico do Capricórnio, em restos de acampamentos, aldeias, locais de sociabilidade coletiva, cemitérios, gravuras rupestres, nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Misiones.

As 160 datas de C<sup>14</sup> divulgadas até o início de 2012, quando se criaram os mapas, foram usadas para estabelecer os momentos de seu estabelecimento nesse espaço. As datas estão indicadas em idades A.P., isto é, antes do Presente, este convenicionado como 1950 de nossa era; e pelo seu valor central, sem a margem de erro. A margem de erro, o número de laboratório ou o responsável pela divulgação e outras informações sobre a data podem ser consultados no livro citado.

O primeiro mapa reúne as datas de ocupações do primeiro milênio de nossa era, isto é, de 1950 anos A.P. a 950 anos A.P.; 1950 A.P. corresponde ao início de nossa era e 950 A.P. ao ano mil de nossa era. Não foram incluídas umas poucas datas, de idades anteriores, que poderiam ser importantes para a história do grupo, mas para elas não possuímos suficientes informações de contexto.

O mapa mostra que neste período existiam várias ocupações na planície costeira de Santa Catarina, representadas por cemitérios e sítios de habitação, nos quais predominam os resíduos de alimentos provindos do mar.

E que já existiam numerosas ocupações no planalto, nos quatro estados meridionais. Eles estão representados por sepultamentos em abrigos rochosos, de grupos que caçavam nos campos de altura, e por assentamentos com 'casas subterrâneas' e habitações a céu aberto, ligados à exploração do pinheiral em expansão.

Ao menos em Santa Catarina, tanto sítios do planalto, como do litoral, durante os primeiros séculos carecem de cerâmica; quando esta aparece, posteriormente, ela se caracteriza como da subtradição Itararé. Nas mesmas datas, sítios do Rio Grande do Sul já possuem cerâmica da subtradição Taquara. É uma indicação de que, já nesse tempo, parece haver diferentes grupos no território, seguindo caminhos diferentes, no planalto e no litoral.

O segundo mapa reúne as datas de 950 a 450 anos A.P., isto é do ano mil a mil e quinhentos de nossa era.

Num primeiro momento continuam e aumentam em número e tamanho as aldeias do litoral voltadas para exploração marinha, mas elas desaparecem rapidamente; a planície costeira é ocupada, então, por grupos da tradição cerâmica Tupiguarani.

No planalto, acompanhando a expansão do pinheiral, mas penetrando ocasionalmente na floresta atlântica e na mata semidecídua dos vales de grandes rios, se multiplicam assentamentos a céu aberto, conjuntos de casas subterrâneas e sepultamentos em abrigos rochosos; surgem e aumentam as estruturas cerimoniais. O avanço dos cultivadores da tradição Tupiguarani sobre os vales dos grandes rios e suas encostas empurra para o planalto seus ocasionais moradores. Com isso os testemunhos se reduzem nos vales, mas também no planalto do Rio Grande do Sul. O espaço e os recursos da população Jê Meridional se reduzem cada vez mais, concentrando-se nas bacias dos rios Canoas e Pelotas. O principal agente dessa concentração é a população da tradição Tupiguarani.

O terceiro mapa, que reúne as datas menores que 450 anos A.P., isto é, posteriores a 1500 de nossa era, deixa este processo de redução ainda mais claro. O agente, agora, é o colonizador de origem europeia, que avança pelo leste e pelo oeste. No litoral atlântico a população guarani é preada para servir nas fazendas paulistas e, em seu lugar, se estabelecem rapidamente aldeias, fazendas e chácaras de populações lusas. Elas abrem caminhos pelo planalto, o das tropas e o das missões, por onde transportam gado para o mercado de Sorocaba, que abastece as Minas Gerais. Estes caminhos passam pelo centro do planalto no qual o Jê Meridional se estava concentrando. Pelo oeste avança o colonizador castelhano estabelecendo pequenas cidades avançadas no Paraná, como Ciudad Real e Vila Rica do Espírito Santo, e logo as missões jesuíticas que reúnem os guaranis do Guairá, do Paraguai e do Rio Grande do Sul. A missão também absorve índios do planalto em sua borda ocidental e meridional. A instalação definitiva das reduções guaranis interfere no espaço residual do planalto com a colheita de erva mate, o estabelecimento de vacarias e estremece as relações entre os grupos.

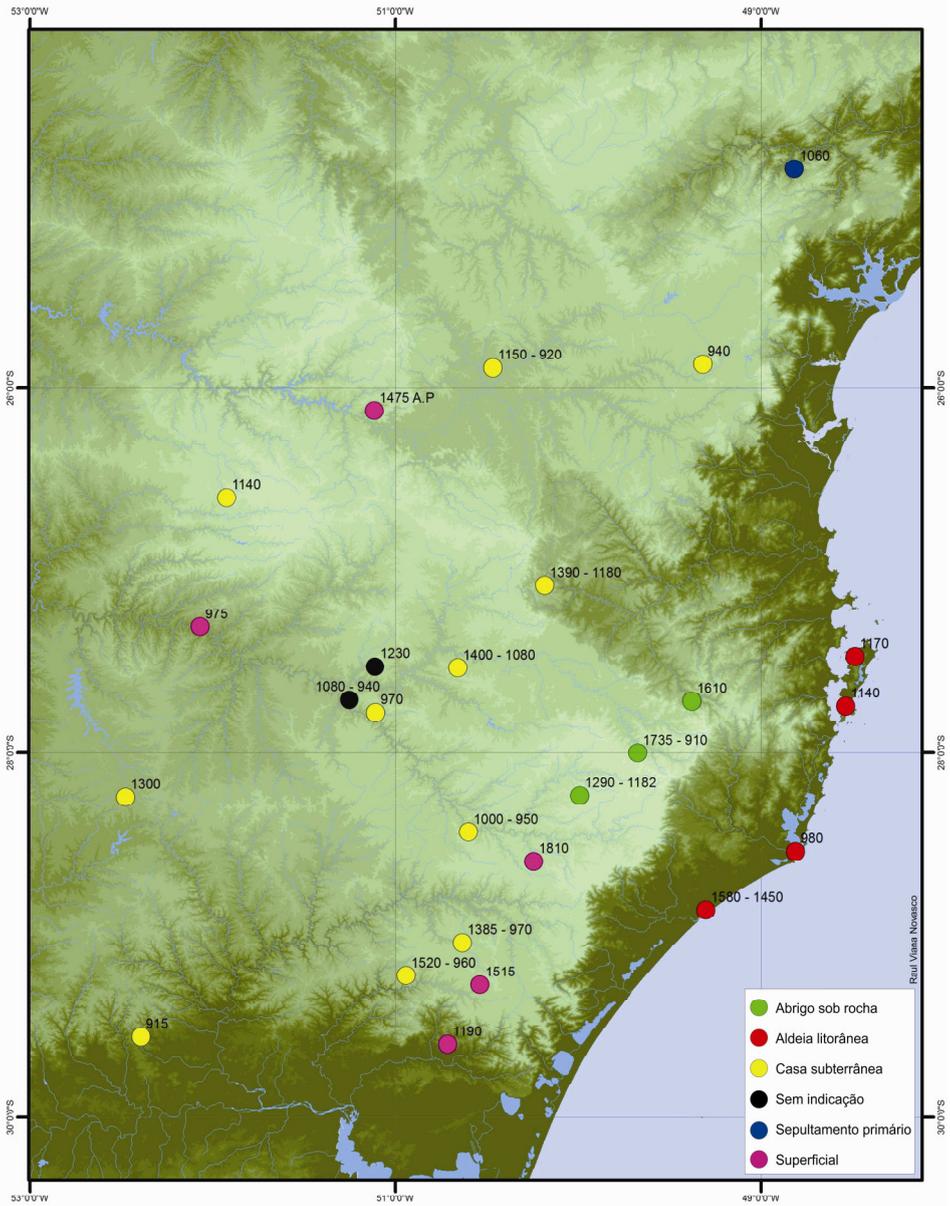
No pequeno espaço central ainda se registram sítios com casas subterrâneas, há montículos funerários (estruturas anelares), 'danceiros' e na periferia surgem, tardiamente, sítios superficiais.

Pesquisas e publicações posteriores mostram que, na medida em que o espaço se foi restringindo ao centro do planalto, aumentou o número de

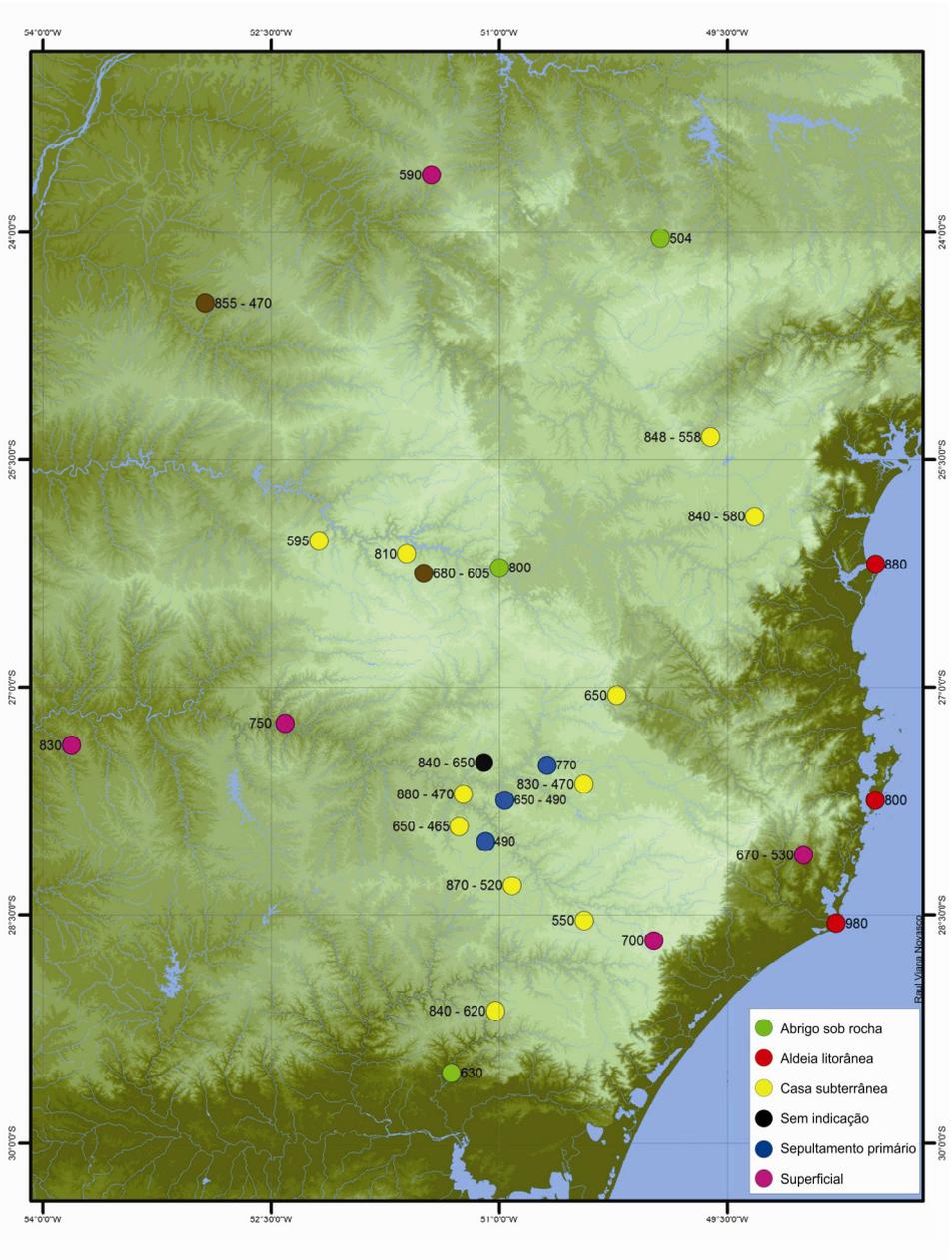
casas subterrâneas grandes, cresceram e se multiplicaram as estruturas cerimoniais e os espaços cercados por taipas no alto de elevações. Isto poderia ser atribuído ao crescimento espontâneo da cultura e à consolidação da estrutura social e econômica num ambiente cada vez mais conhecido. Mas também pode resultar de um elemento de *stress* frente à progressiva redução de território e concentração populacional, levando à formação de lideranças fortes e conflitos internos. As estruturas cerimoniais e as superfícies entaipadas no alto dos morros, além de espaços sociais poderiam também servir para a defesa dos moradores das respectivas aldeias.

A arqueologia não produziu o quarto mapa porque a população voltou a se tornar móvel, não mais habitou em casas subterrâneas, não mais produziu grandes danceiros, não depositou mais seus mortos em abrigos rochosos e deixou de fabricar seus vasilhames típicos; com isso, tornou mais difícil datar seus assentamentos por  $C^{14}$ . A história não terminou aí, somente os testemunhos mudaram e passaram a ser trabalhados por outro tipo de profissionais.

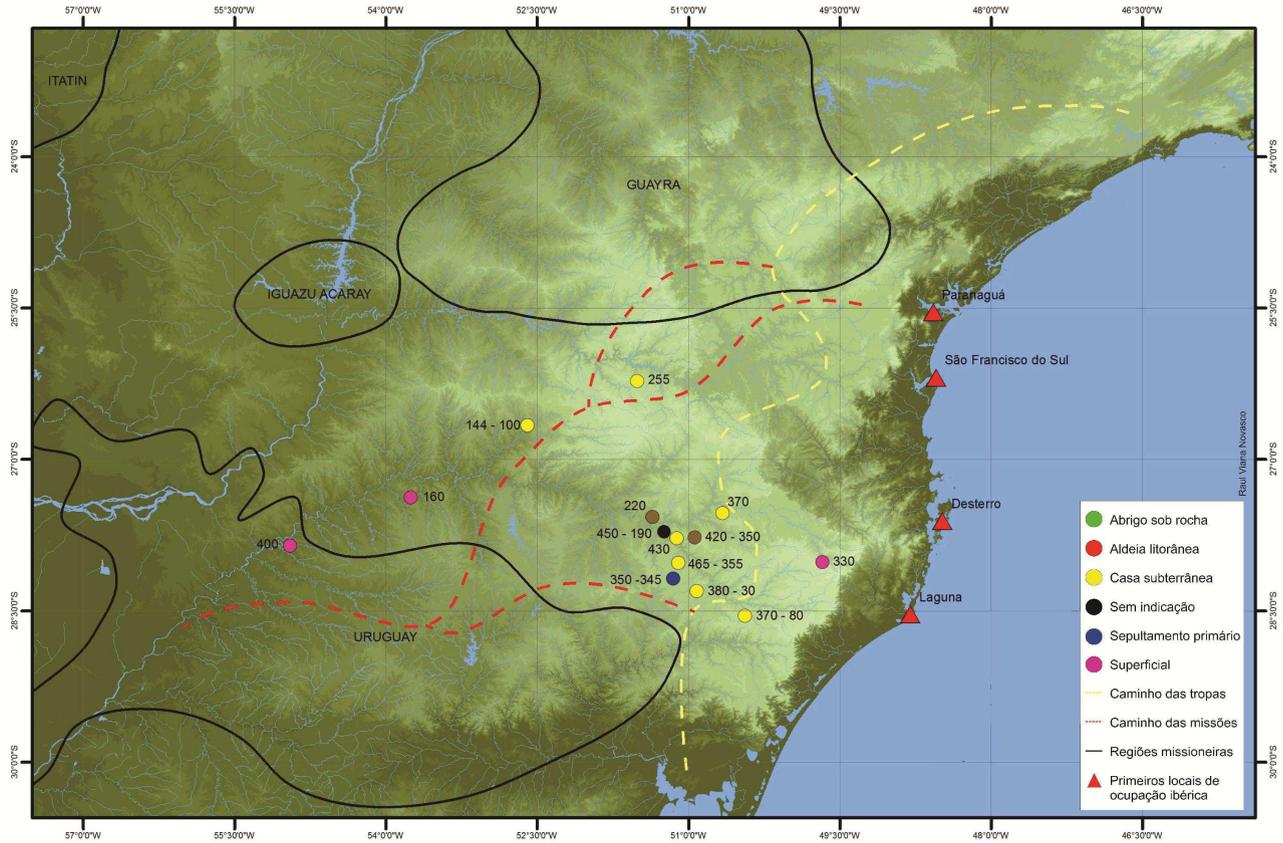
Um balanço final mostra que temos informações para os últimos mil e quinhentos anos da história do Jê Meridional. Se o cálculo dos linguistas é correto ainda faltam os primeiros mil e quinhentos anos. A trajetória do grupo se parece menos com uma história de diáspora e mais com uma etnogênese, não um desenvolvimento uni mas plurilinear, movido por estímulos internos, ambientais e de competição pelo espaço com outras populações indígenas e adventícias.



Mapa 1: O povoamento Jê Meridional no primeiro milênio de nossa era.



**Mapa 2:** O povoamento Jê Meridional do ano 1000 a 1500 de nossa era.



Mapa 3: O povoamento Jê Meridional a partir de 1500 de nossa era.